

IMPACTOS DA COVID-19 NA ESTRUTURA PRODUTIVA DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Principais Resultados *(working paper)*

Autores:

Joilson de Assis Cabral

Everlam Elias Montibeler

Maria Viviana de Freitas Cabral

Alexandre Jeronimo Freitas



PPGER

Maio/2020

Sumário Executivo

A COVID-19 foi detectada pela primeira vez em Wuhan, província de Hubei na China em dezembro de 2019. Devido à rápida expansão da doença pelo mundo, em 11 de março de 2020 a OMS classificou o coronavírus como pandemia. Visando conter o avanço da doença tanto a OMS quanto os epidemiologistas apontaram que as medidas de isolamento social e, até mesmo, *lockdown* seriam medidas mais eficazes a serem adotadas. Contudo, o isolamento social necessário para conter o avanço da doença causa perdas econômicas devido à redução de demanda e interrupção de processos produtivos. Visando mensurar este impacto na estrutura produtiva do Rio de Janeiro, docentes do Programa de Pós-graduação em Economia e Desenvolvimento elaboraram este estudo. Este trabalho utiliza como metodologia o método insumo-produto que tem como referência uma matriz regional para o Rio de Janeiro do ano de 2015 (MIP-RJ) desagregada em 16 setores produtivos. A MIP-RJ foi construída no âmbito do Laboratório de Análises Empíricas do Rio de Janeiro (LAERJ/PPGER/UFRRJ). Para empreender a análise foram construídos três cenários de acordo com os apontamentos dos epidemiologistas, a saber: Cenário 1: As medidas de isolamento social terminariam no mês de junho (4 meses); Cenário 2: As medidas de isolamento social terminariam no mês de agosto (6 meses) e Cenário 3: As medidas de isolamento social terminariam no mês de outubro (8 meses).

Os resultados apontaram que diante de um cenário otimista (Cenário 1) em que as medidas de isolamento social alcancem bons resultados, a queda do PIB do Rio de Janeiro seria na ordem de 4,16% em 2020. Neste cenário teríamos um período de 4 meses de distanciamento social, porém, caso a medida se prolongue para um período de 6 meses (Cenário 2) então o PIB fluminense cairá 4,59%. Por fim, o isolamento social se estendendo até outubro deste ano a retração da economia chegará a 5,02%.

No que tange os macrosetores, os resultados apontam uma queda entre 0,61% a 1,02% no setor agropecuário, uma redução de 8,71 a 11,50 no setor industrial e um encolhimento de 12,24 a 13,64 no setor de comércio e serviços. Dentre os setores mais impactados pelas medidas de combate ao coronavírus encontramos as atividades de Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços (-46,02% a -50,06%), Alojamento e alimentação (-34,97% a -39,29%), Atividades imobiliárias (-14,11% a -15,02%) e Construção (-7,49% a -8,30%).

Na contramão destes resultados pessimistas se destaca a indústria extrativa. Segundo o estudo, devido ao excelente resultado apresentado no primeiro trimestre do ano (crescimento de 25,5%), o setor extrativo deve apresentar crescimento entre 1,15% e 2,25% no ano de 2020 e contribui para amenizar a queda do PIB fluminense.

Método

Este estudo foi elaborado por pesquisadores do Programa de Pós-graduação em Economia Regional e Desenvolvimento (PPGER/UFRRJ) e tem como método de análise a metodologia de insumo-produto. No âmbito do Laboratório de Análises Empíricas do Rio de Janeiro foi construída a Matriz Insumo Produto Regional para o Estado do Rio de Janeiro (MIP-RJ). O nível de desagregação foi de dezesseis setores e com base nos dados das contas regionais de 2017. Os dados da matriz refletem o funcionamento do conjunto da economia fluminense, além de sistematizar as relações de interdependência de compra e venda entre os setores produtivos e suas relações com a demanda final. Este método possui aderência para estimar os efeitos exógenos provocados pela crise sanitária na demanda final sobre os setores produtivos da economia fluminense. Por meio do método de insumo-produto, é possível estimar os impactos diretos e indiretos das medidas necessárias de combate ao COVID-19.

A construção do vetor de “choque de demanda” inicial teve como base as informações disponibilizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Economia (IBGE), institutos de estatística e pesquisa nacionais e internacionais, associações, agências, informações sindicais além da avaliação qualitativa dos pesquisadores. Grande parte das informações tiveram como referência o resultado do mês de março, período já afetado pela alteração do consumo das famílias, gastos do governo, investimento e exportações.

Cenários

Alguns estudos sobre os efeitos da pandemia utilizam os debates sobre isolamento social vertical e horizontal como base na criação de cenários. Estes trabalhos caminham na direção em que o choque ocorre pelo lado da oferta, ou seja, a depender da estratégia de isolamento social, vertical ou horizontal, se constrói o vetor a partir da oferta de mão de obra e conseqüentemente a remuneração dos trabalhadores. Porém, a decisão desta pesquisa pela opção de construir um vetor com base na

variação do nível de demanda ocorreu devido a estratégia de isolamento adotado pelos governos estaduais foi o fechamento total ou parcial de alguns setores o que impacta diretamente o nível de demanda da economia. Em outras palavras, os decretos de distanciamento social fazem com que a demanda por produtos de setores não essenciais (que estão fechados) e, mesmo os ditos essenciais (que estão abertos) reduziram suas vendas.

O estudo traçou três cenários possíveis de acordo com as recomendações dos epidemiologistas:

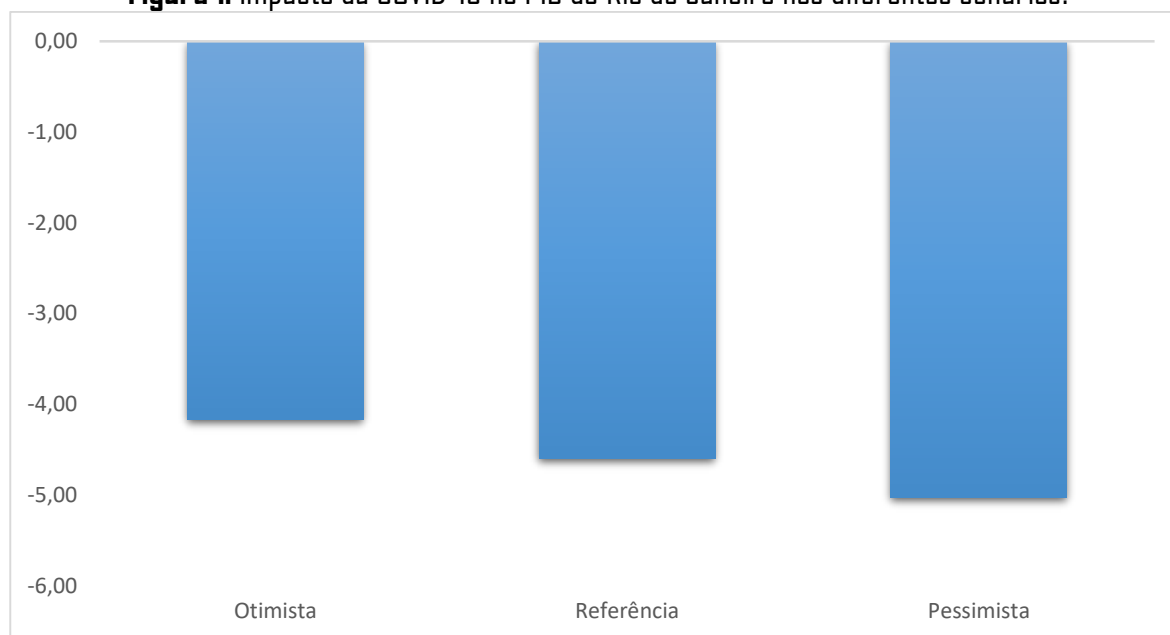
- ❖ Cenário 1: As medidas de isolamento social terminariam no mês de junho (4 meses)
- ❖ Cenário 2: As medidas de isolamento social terminariam no mês de agosto (6 meses)
- ❖ Cenário 3: As medidas de isolamento social terminariam no mês de outubro (8 meses)

Com estes cenários foi possível simular intervalos de tempo e duração do isolamento e na medida que o isolamento, necessário para combater o novo coronavírus, se prolonga maior é a perda econômica. Os pesquisadores manifestam sua posição de que para a equipe não existe dilema entre salvar vidas por meio do distanciamento social e economia (corona-dilema). Os pesquisadores ressaltam que mesmo se não fosse implementado pelos governos as medidas de distanciamento social, o COVID-19 causaria uma crise econômica sem precedentes e, este impacto na economia, com certeza seria maior e de mais longo prazo do que com as medidas necessárias de distanciamento social (vide caso da Suécia). A proposta deste trabalho é justamente prever o tamanho da retração econômica que o isolamento social provocará de modo que os agentes econômicos do Rio de Janeiro possam se antecipar na elaboração de uma agenda de medidas anticíclicas na proporção que a situação socioeconômica merece.

Retração da Economia Fluminense

A pandemia gerada pelo vírus da COVID-19 tem atingido de maneira desigual os países, e até mesmo regiões de um mesmo país. Estudos recentes projetam uma retração da economia Brasileira em 2020 entre 5% e 11%, o que aponta para um resultado menos dramático para Estado do Rio de Janeiro, que deverá ter uma queda em torno de 5%. Os resultados encontrados para o conjunto da economia fluminense estão reportados na Figura 1:

Figura 1: Impacto da COVID-19 no PIB do Rio de Janeiro nos diferentes cenários.



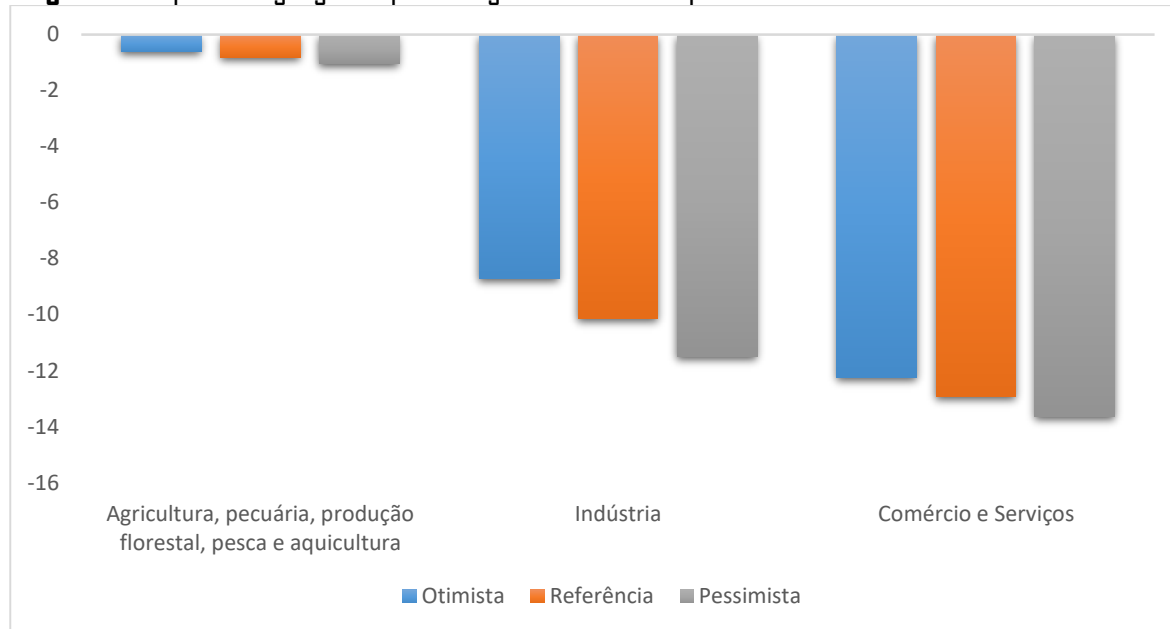
Fonte: Elaboração própria.

Dentro de um cenário otimista (Cenário 1) em que as medidas de isolamento social alcancem bons resultados, a queda do PIB seria da ordem de 4,16% em 2020. Neste cenário teríamos um período de 4 meses de distanciamento social, porém, caso a medida se prolongue para um período de 6 meses (Cenário 2) então o PIB fluminense cairia -4,59%. Por fim, o isolamento social se estendendo até outubro deste ano, a retração da economia chegaria a -5,02%.

Impacto nos Principais Setores Produtivos

A crise econômica afetará a toda a economia, porém, alguns setores deverão sofrer perdas maiores. Logo, é preciso realizar uma análise setorial para obtenção do real alcance da crise e, por conseguinte, ser pensadas políticas públicas que minimizem seus efeitos. Os impactos agregados para os macrosetores produtivos da economia do Rio de Janeiro podem ser visualizados na Figura 2.

Figura 2: Impactos agregados para os grandes setores produtivos da economia do Rio de Janeiro.



Fonte: Elaboração própria.

O setor agropecuário deverá apresentar uma queda entre -0,61% e -1,02%, exceto a atividade de floricultura, segunda maior produtora do Brasil, com redução em torno de 90%. Porém, de forma geral, o setor possui um peso muito pequeno na economia fluminense, representando apenas 0,5% do valor adicionado no período analisado. Não deverá representar um impacto tão grande.

A economia fluminense enfrenta já faz algum tempo um acelerado processo de desindustrialização. O setor industrial fluminense vem perdendo importância frente a outros estados do País, a exceção de atividades ligadas ao setor de Óleo e Gás. A crise deverá acelerar estas tendências.

No período pré-pandemia (primeiro trimestre de 2020), a indústria fluminense apresentou um crescimento surpreendente de 9,8%, frente a uma retração de 1,37% em nível de Brasil, segundo o IBGE. Porém, os cenários apresentados pelo estudo sinalizam uma queda entre 8,71% e 11,50% da indústria fluminense.

No que diz respeito à indústria de transformação, que no primeiro trimestre apresentou um crescimento de 1,8%, as previsões do estudo levantam uma situação preocupante. Trata-se de um setor que representa ainda um peso significativo no PIB estadual. Segundo nossas previsões, a crise levará a um encolhimento deste setor na ordem de 3,5% a 4,4%.

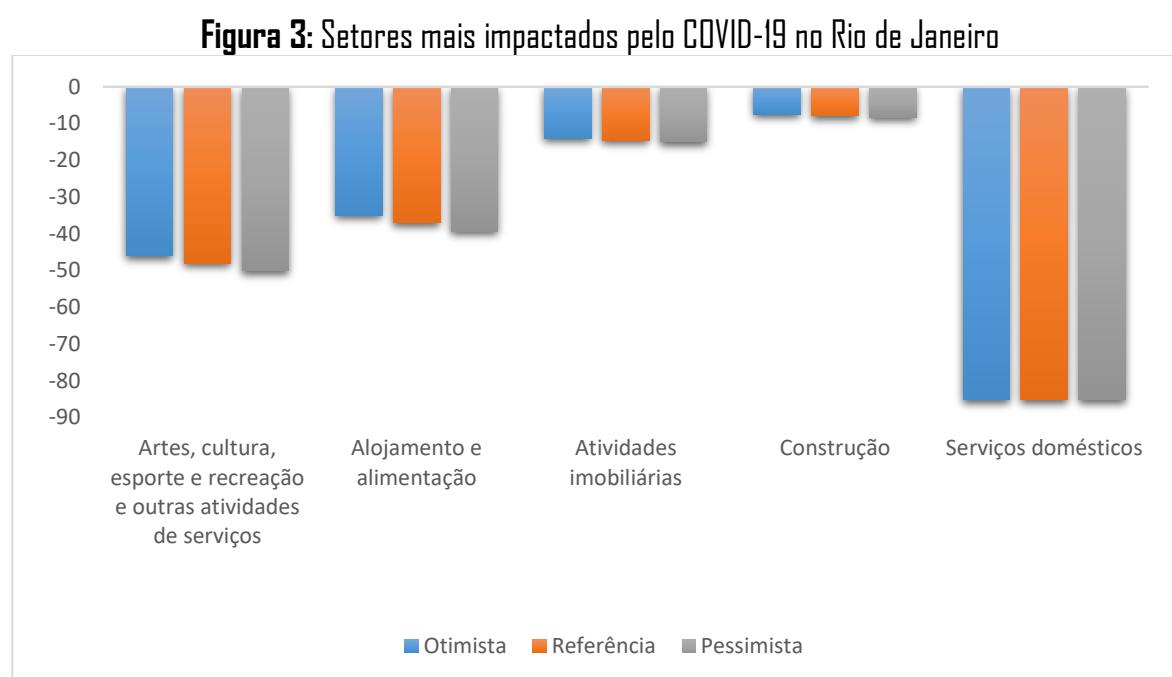
O setor mais impactado foi o de comércio e serviços com queda prevista variando entre 12,24%, no Cenário 1, e 13,64%, no Cenário 3. Muitas de suas atividades foram enquadradas como não essenciais pelos decretos estaduais e municipais. Como este setor é o que possui a maior participação na economia fluminense, a forte queda registrada aqui impactou consideravelmente as previsões de retração do PIB do estado.

Em um primeiro momento, algumas atividades do varejo como supermercados, farmacêuticos e e-commerce, conseguiram apresentar crescimento. Porém, este resultado não foi suficiente para amenizar a queda do setor como um todo. Atividades esportivas e as do setor de cultura e entretenimento deverão sofrer queda de até 50%. Serviços ligados ao turismo, como alojamento e alimentação, enfrentarão uma retração entre -35% e -39%. Por fim, os serviços imobiliários também sofrerão uma forte queda de até -15%, com a crise.

Em geral, o setor de serviços deverá apresentar grande quantidade de pedidos de recuperação judicial e falências. Sabendo que no Rio de Janeiro ele responde por algo em torno de 70% dos

empregos, sua queda levará a um grande aumento de desempregados e de empregos informais no estado.

Analisando os setores mais impactados de forma desagregada, é possível apontar que Artes, cultura, esporte e recreação e outras atividades de serviços; Alojamento e alimentação; Atividades imobiliárias; Construção e Serviços domésticos serão os mais afetados. A Figura 3 sumariza tais impactos.



Fonte: Elaboração própria.

No setor de arte, cultura e esporte é estimada uma queda que varia de 46,02% a 50,06%. Este setor tem apresentado instabilidade política desde o início do governo Bolsonaro quando a Cultura deixa de ser ministério e passa a ser uma secretaria. Com isso, houve uma redução dos investimentos públicos na ordem de 25% em 2019 em relação ao ano anterior. Arelado a isso, com as medidas necessárias de isolamento social, o setor foi diretamente impactado pela suspensão via Decreto estadual 47.027/2020 da realização de eventos esportivos, shows, feiras científicas, entre outros, em local aberto ou fechado. Suspensão do funcionamento de cinemas, teatros e afins, além de academias, centros de lazer e esportivos e shoppings, praticamente um lockdown. Mesmo com a

abertura da economia, não há demanda reprimida por estas atividades. Em outras palavras, o consumidor não compensará a sua demanda não realizada no período de "*lockdown*" da atividade. Ainda, é importante apontar o provável efeito psicológico sobre o comportamento dos consumidores pós-pandemia de, mesmo com a abertura destas atividades, seja preferível não consumir os produtos e serviços até a descoberta da vacina.

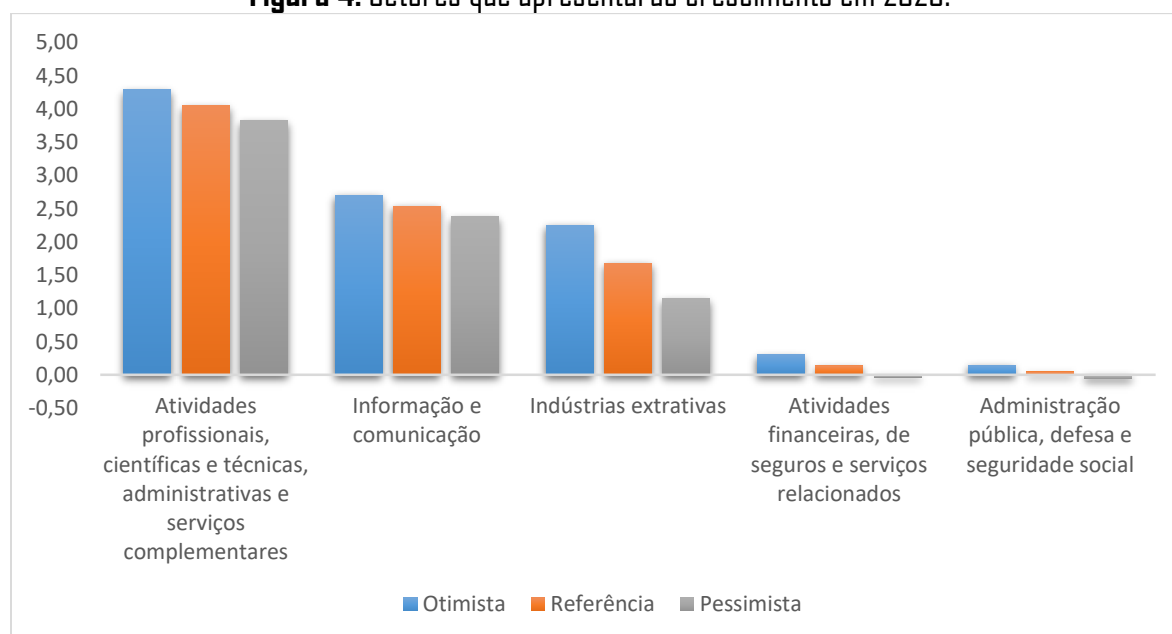
Sabendo que o Rio de Janeiro é o principal destino de lazer do Brasil e que este setor é altamente dependente da atividade turística, o setor de alojamento e alimentação é impactado pelas medidas de isolamento social de forma similar ao setor de arte e cultura. Atrelado a isto, importantes destinos turísticos da Região dos Lagos, Costa Verde e Região Serrana proibiram a circulação de não-residentes como medida para conter o avanço do coronavírus. Ainda, vale lembrar que a cidade do Rio de Janeiro concentra a maior participação no setor e com o decreto de proibição de transporte público intermunicipal e interestadual, reduziu a circulação de não residentes para a cidade. Contudo, o impacto é amenizado pela capacidade de o setor se reinventar durante as medidas de isolamento social, como por exemplo, a expansão dos serviços de delivery e a oferta de hospedagem para profissionais da saúde além da iniciativa pública de assistência social para hospedagem de idosos em situação de vulnerabilidade em hotéis (Rio de Janeiro e Niterói, por exemplo). Por isso, a queda registrada no setor que engloba bares, restaurantes, praças de alimentação, hotéis variou de -34.97 no cenário otimista; -37.07 no cenário de referência e -39.29 no cenário pessimista.

No que tange ao setor de atividades imobiliárias, este é sempre bastante afetado nas crises, pois os agentes econômicos adiam consumo desta natureza. Os agentes econômicos em tempos de crise preferem ter em seu portfólio ativos seguros, como o caso de imóveis, porém mais líquidos. Em uma crise sanitária desta magnitude com uma atividade que depende muito do contato presencial prejudica muito as transações de compra e venda e mesmo alocação de imóveis, afinal em tempo de crise os agentes postergam investimentos imobilizados desta natureza. Na China por exemplo, durante as medidas sanitárias, este setor apresentou queda em torno de 30%.

O setor da construção civil não se isentará do efeito negativos pandemia. Este setor já vinha apresentando queda pós megaeventos (2017, 2018, 2019), muito em decorrência da falta de estímulo à demanda pelo poder público e diante da grande oferta de imóveis disponíveis no mercado. Isto já levaria a uma estabilidade no setor mesmo antes da pandemia. Com a pandemia, A perda do emprego e renda afetará as decisões de consumo de longo prazo, o que somado ao regime de recuperação fiscal pelo qual atravessa as finanças estaduais, levará o setor a amargar uma queda entre 7,5% e 8,3%.

A mercê destes resultados pessimistas, os setores de Atividades profissionais, científicas e técnicas, administrativas e serviços complementares; Informação e comunicação; Indústrias extrativas; Atividades financeiras, de seguros e serviços relacionados e Administração pública, defesa e seguridade social poderão apresentar, mesmo diante da crise, apresentar crescimento no ano de 2020. A Figura 4 apresenta estes resultados.

Figura 4: Setores que apresentarão crescimento em 2020.



Fonte: Elaboração própria.

Dos resultados reportados pela Figura 4, a indústria extrativa é a que merece destaque. Depois do crescimento acumulado de 25,5% nos três primeiros meses do ano, segundo o IBGE, o setor deve

chegar ao final do ano com um desempenho positivo. O bom resultado no primeiro trimestre foi consequência da excelente produtividade e a um *lifting cost* de, apenas, US\$ 5,4 por barril nos poços do pré-sal. Sabendo que o processo de operação de produção *offshore* não pode parar, mesmo com a demanda reduzida, devido a questões contratuais e operacionais, a exploração de óleo e gás continuou durante a pandemia. Com a reabertura da economia de alguns países, principalmente, da China, a demanda por esta *commodity* começa a ser retomada. Atrelado a isso, tem-se o aumento dos preços do petróleo após acordo entre Arábia Saudita e Rússia no âmbito da OPEP+. Neste sentido, o estudo estima que a indústria extrativa crescerá entre 1,15% e 2,25% no ano de 2020. Os pesquisadores apontam que devido a sua participação relativa no PIB fluminense de 8,8%, o crescimento da indústria extrativa amenizará o impacto do COVID-19 no estado.

Conclusões

Os achados encontrados por este estudo apontam para uma crise sem precedentes na história do Rio de Janeiro. Neste sentido, os pesquisadores responsáveis por este estudo destacam a urgência de se repensar a economia fluminense para os próximos anos. O estado do Rio de Janeiro possui uma estrutura produtiva frágil e incompleta, carecendo de um debate acerca do desenvolvimento regional baseado em estudos técnicos, com métodos consistentes e validados.

Neste sentido, o método insumo-produto utilizado por este trabalho, pode contribuir no planejamento e na melhoria da eficácia das políticas públicas, apontando os setores chaves da economia assim como prever os possíveis resultados da adoção de políticas públicas. A importância de se determinar os elos de encadeamento entre setores, os efeitos multiplicadores sobre a produção, emprego, renda e arrecadação, projeções de crescimento e efeitos transbordamentos; se justifica pela própria história esvaziamento produtivo da economia fluminense.

Por fim, os autores apontam que o estado do Rio de Janeiro precisa interromper a agenda de políticas públicas desenhadas com base no método de tentativa e erro e do apadrinhamento político. De modo

a superar este enclave, apontamos que é preciso caminhar na direção uma aproximação entre os agentes da academia, do poder público e do setor privado de modo a planejar e formular políticas públicas com objetivo de realizar o adensamento produtivo no estado. Este estudo faz parte deste esforço e esperamos que ele possa ser um passo inicial nesta trajetória.

Citação:

Cabral, J. A; Montibeler, E. E; Cabral, M. V. F; Freitas, A. J. Impactos da Covid-19 no Pib do Rio de Janeiro, Working Paper, Rio de Janeiro, 2020.